

Crise fecha mil lojas

Sindicato do Comércio registra falência de 4% das empresas comerciais de Brasília

Jairo Viana

A recessão econômica gerou uma crise sem precedentes na história do comércio de Brasília, com o conseqüente aumento do mercado informal em detrimento do legalmente estabelecido. Nos últimos seis meses, o Sindicato do Comércio Varejista registrou o fechamento de 1 mil (4%) das 25 mil pequenas, médias e grandes lojas na capital da República, e um significativo aumento no número de camelôs nas ruas da cidade.

A crise se reflete com maior intensidade nos **shoppings** considerados de segunda classe, localizados em pontos de pequeno movimento de consumidores, como o Venâncio 2000 e 3000, onde o número de lojas fechadas é alarmante. Nos andares térreo e 1º subsolo do Venâncio 3000, por exemplo, existem mais placas de "aluga-se" do que lojas em funcionamento.

A quantidade de lojas fechadas também é grande na Avenida W-3

Sul e no comércio das entrequadradas, locais onde proliferam os camelôs. "Se não ocorrer uma reação nas vendas neste final de ano, como esperamos, o número de lojas fechadas até março do ano que vem poderá situar-se entre 2 e 3 mil", prevê o presidente do sindicato, Lázaro Marques. ele atribui esta quebra geral à recessão econômica, taxas de juros altas e baixo índice de vendas observados nos 11 primeiros meses do ano. Em seus cálculos houve uma queda de 25% nas vendas do comércio entre janeiro e novembro de 1991.

O comerciante que tiver devedor aos fornecedores e aos bancos e não conseguir desovar seus estoques no período das festas de fim de ano vai passar por sérias dificuldades financeiras ou pedir falência, no primeiro trimestre de 92, avalia Lázaro Marques.

Outro ponto onde a crise se manifesta a olho nu é no Venâncio 2000. No andar térreo e 1º subsolo, local preferido por lojas de calçados

e confecções, existem pelo menos 10 lojas para alugar, além das que eram ocupadas pelas Casas da Banha (concordatária), lojas Arapuá e Casa Glória.

No escritório imobiliário de Antônio Venâncio da Silva, que administra as lojas dos dois **shoppings**, as informações são escassas. A administradora Rose Furtado garante que a maioria das lojas do Venâncio 3000 não foram alugadas ainda porque seu proprietário quer transformar o local em um **shopping** de móveis. No entanto, o presidente da Associação dos Lojistas do Venâncio 2000, Roberto Cavaleiro, atribui à crise econômica e aos altos preços do aluguel o grande número de lojas fechadas no centro comercial.

A crise no comércio lojista de Brasília foi constatada pelo Sindicato do Comércio Varejista a partir da devolução das guias de contribuição assistencial remetida aos comerciantes. Os pacotes de guias do Banco do Brasil estão amontoados no Sindicato.

Shopping Baracat já aluga salas

Após o desfecho de uma pendência com o governo do Distrito Federal que durou nove anos e terminou em acordo, o **Shopping Center Baracat** finalmente ficará pronto no ano que vem. Incluindo um prédio de 14 andares no cruzamento da Avenida W-3 com o Setor Hoteleiro Sul, são 120 mil metros quadrados de área construída, com 280 salas, dezenas de lojas e um estacionamento no subsolo com 1.500 vagas rotativas e mais 200 privativas.

As salas do **Executive Tower** já estão sendo alugadas, pois aquela parte do empreendimento foi concluída em novembro passado e está pronta para ser ocupada. Segundo informou a assessora imobiliária do Grupo Baracat, Gláucia Mesquita, as obras do **Shopping**, que vai até o quinto andar, serão reiniciadas em abril. A empresa Christiani Nielsen foi contratada para o serviço.

A construção de um dos maiores centros comerciais do País começou em 1977, com a promessa da entrega da obra em abril de 1982. A data foi adiada para setembro do mesmo ano. Mas o governo local acabou embargando as obras, porque os irmãos Joseph e Edmon Baracat, pioneiros em Brasília, não cumpriram uma das cláusulas ao adquirir o terreno: a retrovenda, que consiste na retomada do imóvel quando o prazo contratual para a finalização da obra não é obedecido.

Com a demanda judicial, os irmãos Baracat foram obrigados a pagar uma indenização ao GDF, levando à frente o empreendimento sem nenhum financiamento governamental ou bancário, os empresários precisaram capitalizar para pagar ao Governo. Venderam, então, ao Grupo Pão de Açúcar Jumbo, um área de 8 mil metros quadrados, que continua sendo proprietário.

As obras continuaram em ritmo lento até que, novamente, o GDF entrou no circuito. O **Shopping** havia invadido uma parte da área pública. Ocorreram mais negociações entre as duas partes e, até a implosão do prédio chegou a ser sugerida. O acordo final prevê o pagamento de uma taxa mensal ao Governo pela área invadida.

Arestas

Aparadas as arestas entre o GDF e os empresários, o primeiro passo do empreendimento, segundo afirma Gláucia Mesquita, sócia da Manoel Dias Imóveis, é alugar a parte que está concluída. Ela explica que cada sala tem 60 metros quadrados, com copa e banheiro. A capacidade é de três linhas telefônicas para cada uma.

"O acabamento do prédio é de primeira, com blindex e vidros fumê", afirma Gláucia, acrescentando que serão cinco elevadores e granito na decoração dos corredores. "Mas o ponto alto é a segurança, que será perfeita", afirma a empresária. Ela cita, inclusive, a segurança contra incêndio. "Cada sa-

la terá seis pontos de defesa anti-incêndios", afirma.

Ponto

Os empresários que forem se instalar no **Shopping** não adquirirão o imóvel. Eles compram o direito do ponto. Quando foi lançado o empreendimento, muitas lojas foram "vendidas" no sistema adotado, entre elas, algumas âncoras, como a C&A, que ficou com 5 mil metros quadrados, a Riachuelo, com 1.365 metros quadrados e a Sandiz, a maior de todas, com 10 mil metros quadrados de área no local chamado na época do lançamento do centro comercial de "A esquina da cidade". Todas as lojas continuam sendo "donas" do ponto.

Segundo Gláucia Mesquita, o fluxo de consumidores é estimado em 20 mil pessoas dia. Por ali, circulam 50 mil veículos/dia entre carros e coletivos. Nas áreas próximas moram e trabalham cerca de 300 mil pessoas. "Isso é animador", afirma Gláucia, ressaltando que várias salas já foram alugadas, "algumas, para empresas ou profissionais liberais de grande peso", disse.

Mesmo com as obras embargadas, o **Shopping Baracat** já foi utilizado duas vezes: na campanha presidencial quando funcionou como comitê central do então candidato Ulysses Guimarães e na penúltima eleição para a Câmara Federal, ao abrigar o comitê da candidata Márcia Kubitschek, hoje, vice-governadora do Distrito Federal. (Arthur Herdy)



Enquanto as lojas estão fechando, os ambulantes proliferam

Sindicato quer punir delegado

O presidente do Sindicato dos Comerciantes, Raimundo Neves, pediu ao ministro do Trabalho e da Previdência Social, Antônio Rogério Magri, o afastamento do delegado Regional do Trabalho, Olavo Silveira de Melo do seu cargo. Na representação, entregue pessoalmente ao ministro, anteontem, Neves alega que Olavo de Melo vem agindo unilateralmente em favor dos empresários e em prejuízo dos comerciantes, na questão da abertura das lojas aos domingos, em Brasília.

Na opinião de Raimundo Neves, "ao gravar mensagem publicitária autorizando o funcionamento do comércio aos domingos, em favor da entidade sindical dos empresários, o delegado permitiu dolosamente que terceiros tirassem proveito da informação, em função do cargo que exerce". Para ele, tal procedimento é vedado pelo artigo 5º da Lei Federal nº 8.027/90.

Com base nesse pressuposto, pede a exoneração do delegado do cargo, "por não se comportar com a imparcialidade necessária ao exercício da função". E, em seguida, solicita a demissão de Olavo de Melo "a bem do serviço público". "O ministro ficou surpreso ao ver a fita e prometeu agir com rigor na apuração da denúncia", disse Neves. O sindicalista está seguro de que o delegado será afastado do cargo.

Sob o argumento de que não foi comunicado oficialmente sobre o assunto pelo ministro do Trabalho, o delegado Regional do Trabalho, Olavo Silveira de Melo, recusou-se a se manifestar sobre a representação do presidente do Sindicato dos Comerciantes. "No momento, compete ao ministro falar sobre a questão", disse Olavo.

Reação

Os lojistas de Brasília aguardam, para o próximo domingo, uma grande reação do comércio local, a fim de recuperarem as perdas sofridas em 91, calculadas em 25%. "Se conseguirmos um aumento de 15% nas vendas de dezembro, como se espera, o prejuízo será menor", avalia o presidente do Sindicato do Comércio Varejista, Lázaro Marques.

Para reaquecer as vendas os comerciantes contam com a liberação da 2ª parcela do 13º salário, o pagamento do abono de Cr\$ 21 mil sobre os vencimentos de dezembro e o 13º salário, além dos 30% de reposição do funcionalismo e a liberação de uma parcela dos cruzados novos bloqueados em março do ano passado. (J.U.)